



Volume 11 – Número 27

DOSSIÊ: GÊNERO E RELIGIÃOdoi: [10.25247/paralellus.2020.v11n27.p225-241](https://doi.org/10.25247/paralellus.2020.v11n27.p225-241)

TEORIAS DE GÊNERO EM DIÁLOGO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE JUDITH BUTLER, JUDITH PLASKOW E MARCELLA ALTHAUS-REID E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DA TEOLOGIA E DA RELIGIÃO

GENDER THEORIES IN DIALOGUE: APPROACHES AND
DISTANCEMENTS BETWEEN JUDITH BUTLER, JUDITH PLASKOW AND
MARCELLA ALTHAUS-REID AND THEIR CONTRIBUTIONS TO THE FIELD
OF THEOLOGY AND RELIGION

*André Sidnei Musskopf***Giovanna Sarto***

RESUMO

O presente trabalho se propõe a observar os possíveis desafios colocados pelas reflexões de Judith Butler às propostas de Judith Plaskow e de Marcella Althaus-Reid. Compreende-se que, devido ao caráter plural das teorias de gênero e dos diferentes lugares de onde partem (filosofia, teologia, sociologia), as discussões de Butler, Plaskow e Althaus-Reid são independentes e as relações entre elas não acontecem de maneira linear ou direta. Neste sentido, são apresentados apontamentos que evidenciam distanciamentos e aproximações entre os pensamentos das autoras, a fim de avaliar de que forma impactam a produção do conhecimento na área da Teologia e da Religião.

* Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciência da Religião. Possui graduação (2001), mestrado (2004) e doutorado (2008) em Teologia pela Escola Superior de Teologia. Realizou intercâmbios de estudos nos Estados Unidos e Canadá.

** Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de concentração de Sociedade e Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES.



Palavras-chave: Gênero; Judith Butler; Judith Plaskow; Marcella Althaus-Reid.

ABSTRACT

The present article proposes to observe the possible challenges posed by Judith Butler's reflections to the proposals of Judith Plaskow and Marcella Althaus-Reid. It is understood that, due to the plural character of the theories of gender and the different places from which they start (philosophy, theology, sociology), the discussions of Butler, Plaskow and Althaus-Reid are independent and the relations between them do not happen in a linear or direct way. In this sense, notes are presented that show distances and approximations between the authors' thoughts, in order to assess how they impact the production of knowledge in the area of Theology and Religion.

Keywords: Gender; Judith Butler; Judith Plaskow; Marcella Althaus-Reid.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero emergiram no contexto dos movimentos políticos e sociais do(s) Feminismo(s), em especial os de Segunda Onda, cujo interesse centrava-se em grande parte na denúncia da desigualdade entre homens e mulheres e nas relações de poder estruturadas em dinâmica com esta desigualdade (GEBARA, 2017). Desenvolvidos a partir dos anos de 1970, os estudos de gênero já formam uma vasta área de pesquisa, cujos desdobramentos frequentemente instigam novas leituras acerca das relações sociais nas mais diversas áreas do conhecimento¹.

Como os estudos de gênero não se deslocam da realidade, mas, ao contrário, constituem-se fundamentalmente dela, sua origem ligada aos movimentos Feministas caracteriza tal campo como tão plural quanto a própria realidade em que se insere. Assim, das contribuições e dos desenvolvimentos dos estudos de gênero, desenvolveram-se os estudos da diversidade sexual e de gênero, para os quais também contribuíram os estudos gays e lésbicos que “utilizaram-se das categorias de gênero, mas desenvolveram seus estudos notadamente na área da sexualidade” Muszkopf (2008). Da mesma forma, os estudos queer², articulando a discussão

¹ Segundo Muszkopf (2008), na década de 70 dois grandes movimentos se destacaram para o mundo ocidental, são eles: a Segunda Onda do Movimento Feminista e o Movimento Homossexual – este último teve seu ponto-chave em 1969, no episódio que ficou conhecido como a Revolta de Stonewall. Alguns célebres nomes deste período que merecem destaque são Betty Friedan (1963), com a *Mística Feminina* e James Baldwin (1962), com a obra *Terra Estranha*.

² O termo queer que passa a ser utilizado mais ao menos em meados dos anos de 1970/1980 dentro das discussões sobre a sigla LGBTI+, foi importado dos Estados Unidos, onde inicialmente era

feminista sobre gênero e os estudos gays e lésbicos sobre sexualidade, se apresentaram como uma intersecção especial com os estudos de gênero, uma vez que fornecem instrumento teórico que busca pensar gênero e sexualidade como dimensões relacionais, ainda que distintas.

Essa discussão evidencia os múltiplos diálogos que podemos estabelecer entre diferentes autoras e autores, partindo de perspectivas diversas (inter, trans, multidisciplinares) compondo esse grande campo de pesquisa que é o dos estudos de gênero. Neste artigo o ponto de partida será a discussão proposta por Judith Butler (2018). Trata-se de importante pensadora para os estudos de gênero e sexualidade, que parte da filosofia para pensar a problemática da teoria de socialização. Ou seja, discute os problemas de gênero – inclusive título do livro que popularizou ainda mais uma das questões presente nos estudos de gênero até os dias de hoje - refletindo sobre o que é gênero e apontando para possíveis armadilhas (FIRMINO & PORCHAT, 2017). Ao refletir sobre a dinâmica relacional entre corpo, sujeito, conhecimento, cultura e poder, Butler oferece um importante instrumento teórico para problematizar ideais de identidades³ estáticas construídas, reconstruídas e legitimadas nos diversos discursos e práticas sociais, incluindo o campo da teologia e da religião – um campo que é político, já que se constitui na dinâmica das relações de poder.

Por isso mesmo, a(s) Teologia(s) Feminista(s) e Queer também participam desse importante debate sobre gênero e sexualidade partindo do campo da religião. Entre aproximações e distanciamentos com os estudos de gênero e sexualidade, há, nas diversas formas de Teologia Feminista e Queer, contribuições significativas no debate sobre o lugar teológico das mulheres e de pessoas LGBTI+⁴. Aqui são abordadas particularmente algumas compreensões básicas acerca das concepções de gênero,

utilizado como uma expressão de ofensa a pessoas de “fora da norma heterossexual”, cujo significado literal pode ser traduzido como “estranho”. Dentro do movimento LGBTI+ é tomado como uma possibilidade de ressignificar o teor pejorativo do termo, torna-la uma expressão de denúncia da violência e opressão sofrida por essas pessoas. Os estudos queer são mais recentes, tomam corpo no diálogo com os estudos culturais e do pós-estruturalismo francês e travam-se num campo teórico-acadêmico que dialoga justamente com o processo prático de luta LGBTI+ (MIRANDA & GARCÍA, 2012).

³ Identidade é um ponto central nos estudos de gênero que partem de Butler. Tal conceito é fundamental para as problematizações e articulações entre: corpo, sujeito, cultura, poder, sexo, gênero, etc.

⁴ A sigla LGBTI+ é adotada pelas Nações Unidas e outros órgãos de autoridade internacional, a fim de representar, respectivamente, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestir, Intersexuais e outras identidades sexuais e de gênero. O + representa todos os outros grupos não abarcados pelas letras ali presentes, e frequentemente é substituído pela letra “Q”, que representa “Queer” – um movimento complexo, em geral não-conformista com padrões de gênero (REIS, T., 2018).

presente em Judith Plaskow, na obra “The Coming of Lilith” (2005) e por Marcella Althaus-Reid, na formulação de uma Teologia Indecente (2000). As duas autoras fazem contribuições fundamentais que auxiliam em uma análise crítica do papel da religião⁵ nas diferentes discussões sobre identidades e expressões de gênero e sexualidade.

2 DOS PROBLEMAS DE GÊNERO SEGUNDO BUTLER

Judith Butler, em *Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*⁶ (2018), reflete sobre uma atribuição radical da teoria fenomenológica dos atos que compreende “o agente social como objeto e não sujeito dos atos formadores” (BUTLER, 2018, p. 2). Segundo a filósofa estadunidense, a manutenção dos atos acontece dentro da própria dinâmica de quem age, que por sua vez também se encontra em constante movimento. Butler partilha de uma corrente filosófica denominada pós-estruturalismo, cuja crítica ao racionalismo iluminista levanta, ao menos no que tange à contribuição do pós-estruturalismo aos estudos de gênero, propostas que visam “desmontar a lógica interna das categorias, a fim de expor suas limitações” (MARIANO, 2005, p. 486).

Partindo de Foucault para pensar as relações de poder, Butler questiona estudos que, de alguma forma, perpetuam algum tipo de binarismo. Para tanto, analisa gênero explicitando a noção de que este diz respeito a um tempo e um espaço culturais, atualizados continuamente nas relações entre os sujeitos e, portanto, socialmente construídos e reconstruídos a todo tempo. Dessa forma, segundo ela, acaba-se por naturalizar práticas e comportamentos que engessam as possibilidades de reconhecer a pluralidade de experiências e, mais do que isso, legitimam violência contra quem que não se enquadra nas categorias universalistas de gênero (BUTLER, 2018): uma verdadeira matriz de inteligibilidade na qual os gêneros são construídos. “Essa matriz diz respeito a uma coerência e uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/práticas sexuais; a matriz dominante na sociedade é a da heterossexualidade compulsória” (MONTEZELO, 2013, p. 6). Tal constatação situa-se no campo dos estudos

⁵ Entende-se por religião, aqui, um sistema simbólico que opera como reserva de sentido e que se apresenta na materialidade em articulação a elementos como mito, rito e símbolo, em um conjunto de linguagens ou sistemas de práticas que relacionam também ética e comunidade (SMART, 1968).

⁶ Obra originalmente publicada em 1998, no Theatre Journal.

feministas, sobretudo no que tange à identificação de estruturas hierárquicas que diferenciam e excluem sujeitos em não-conformidade com as normas de gênero.

De acordo com Butler, a filósofa Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, ao inaugurar o segundo volume de seu livro com a célebre frase “ninguém nasce mulher, torna-se”, estaria afirmando que uma identidade, neste caso a identidade “da mulher”, não é algo fixo e imutável. A categoria de gênero ainda não está articulada em Beauvoir (2009) assim como desenvolvida a partir dos anos de 1970 e para a qual seus estudos contribuíram significativamente. Ainda assim, o interesse de Beauvoir estava em demonstrar como um entendimento limitado sobre o que significaria ser mulher, geralmente vinculado à um entendimento também limitado sobre diferenças inscritas nos corpos biológicos (aquilo que se veio a chamar de sexo), acabou por atribuir papéis específicos às mulheres, especialmente na base de uma hierarquia de dominação. Na prática, isso legitimou, por exemplo, o atrelamento das mulheres à maternidade, às tarefas domésticas e a submissão aos homens, o que resultou em uma estrutura engrenada por violências (BEAUVOIR, 2009) que perpetua a exploração de corpos humanos. Nessa forma de ver e organizar o mundo é apagada a diversidade de indivíduos e suas singularidades em nome de um modelo patriarcal.

É possível elaborar aproximações entre Bourdieu e uma perspectiva crítica sobre uma estrutura que perpetua violências a partir de divisões categóricas de gênero, à medida que o sociólogo, quando se debruça sobre análise da dominação masculina, refere-se não especificamente à forma como se concebe gênero (masculino e feminino), mas sim a uma estrutura de pensamento que está por trás das ações e que recebe manutenção na vida cotidiana das pessoas; isto é, a estilização das ações em conformidade com a estrutura reproduz e produz essa estrutura⁷. Para Bourdieu (2010), as sociedades capitalistas se baseiam num modelo de dominação masculina hierarquizado, onde grupos específicos detém poder sobre outros. A manutenção do poder destes grupos acontece porque ele detém também o capital simbólico – conceito chave porque compreende que a dominação masculina, diferente de outros tipos de dominação, ocorre de uma maneira muito mais sutil. Dentro dessa

⁷ Para Bourdieu (2010) o conceito de habitus é fundamental, porque é através dele que o sociólogo francês elabora a compreensão de uma estrutura que condiciona, mas que também é condicionada por ações individuais. Estes dois conjuntos interagem o tempo todo, formando uma série de hábitos específicos, com reproduções variantes de pessoa para pessoa.

perspectiva Beauvoir, segundo Butler, compreende, então, que ser mulher é uma identidade em manutenção a todo tempo, “instituída por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2018, p. 3). O que veio a ser nomeado de gênero nos estudos feministas e de gênero superaria a ideia de uma essência da formulação biológica dos corpos humanos, enunciando algo estritamente social e construído e que, portanto, pode também ser construído de outra forma.

No entanto, Butler, em sua reflexão, desmonta não apenas a ideia de que gênero é algo performado, evidenciando que é performático, como também afirma que o sexo (como dado biológico) mantém um *continuum* na relação para com este. Há uma sutil diferença entre “performático” e “performado”, constantemente enunciada pela própria filósofa: se gênero fosse uma identidade⁸ performada, tratar-se-ia, então, de uma construção socialmente dada, imposta e simplesmente reproduzida cotidianamente. Afirmar que algo é performativo implica dizer que os atos de todas as pessoas são ativos na sociedade e transformam sua estrutura e quem atua nela. Essa não é apenas uma performance social reiterada e repetida, mas está estreitamente relacionada com o lugar do corpo (e do sexo) no mundo. Segundo a autora: “o corpo é uma situação histórica, como defendeu Beauvoir, e é também uma maneira de fazer, dramatizar e reproduzir uma situação histórica” (BUTLER, 2018, p. 5).

O campo das teorias feministas, onde Butler também pode ser inserida, é fundamental para elucidar tal discussão, uma vez que os impulsos feministas emergem da experiência subjetiva e pessoal. A violência cotidiana sentida e produzida também por seus corpos justapõe-se à percepção de que as marcas dessa violência também são sentidas e produzidas em outras mulheres e em indivíduos de maneira mais ou menos evidente. Uma grande contribuição das teorias feministas é conceber o pessoal como algo:

Implicitamente político no sentido de que está condicionado por estruturas sociais compartilhadas; porém, na medida em que as distinções entre público e privado persistem, ele também permanece imunizado contra os desafios de caráter político. (BUTLER, 2018, p. 7)

⁸ Identidade, aqui, refere-se a “produtos ou efeitos do poder” dominante (FIRMINO & PORCHAT, 2017).

Mas, enquanto grande parte dos estudos feministas e de gênero supunham que as relações de gênero são estritamente sociais e reproduzidas na estilização de atos cotidianos (p. 7) a sugestão de Butler é que “a reprodução mais cotidiana da identidade generificada se dá por meio de diferentes formas de atuação dos corpos em relação a expectativas profundamente arraigadas ou sedimentadas de existência generificada” (BUTLER, 2018, p.8). A crítica da autora é a de que, embora os estudos feministas não pontuassem uma estrutura predeterminante ou uma essência, um fato natural e nem cultural aos papéis e identidades de gênero, algumas formulações poderiam levar a essa compressão. O motivo para tanto seria o fato de que herdaram da fenomenologia a concepção do binarismo de gênero (masculino versus feminino), limitando-se a criticar os problemas de gênero e os atos em si, sem aprofundar-se na análise da formação destes atos nas relações de poder. Para Butler, a distinção homem e mulher já carrega em si a contradição: sem tratar o problema da formulação de gênero como categoria analítica de atos performáticos, o feminismo pode cair na universalização de (dois) tipos de gênero (masculino e feminino) com estruturas gerais ainda engessadas, como premissa fundamental para a problematização e a desconstrução que pretende.

Ao colocar a discussão de Butler em diálogo com as Teologias Feministas é possível identificar, também aí, elementos que apontam para o que Butler chama de *problemas de gênero*, desta vez no âmbito da teologia e da religião. A relevância desse diálogo está no fato de que as Teologias Feministas⁹ podem ocupar posições diferentes, por exemplo, das que ocupam a sociologia tradicional ou ainda os movimentos políticos de luta das mulheres – em especial porque emergem da própria religião, cujas dimensões podem apontar a possibilidade de dar sentido incondicional ao condicional, e vice-versa (SMART, 1968).

Há, nas diversas formas de Teologia Feminista, como na teologia judaica de Judith Plaskow, ou ainda na teologia queer de Marcella Althaus-Reid, contribuições

⁹ Escolhemos tratar as Teologias Feministas no plural a fim de ressaltar a diversidade existente no campo – como por exemplo a Teologia Feminista Judaica, com Judith Plaskow (2005) em nosso destaque, ressaltando as questões enfrentadas pelas mulheres judias no contexto estadunidense no pós-guerra. Ou ainda a Teologia Feminista da Libertação, onde destacamos a obra de Ivone Gebara (2017) e sua reflexão pertinente sobre o entendimento teológico da mulher na religião e no poder ocidental. Também há importantes contribuições da Teologia Radical de Marcella Althaus-Reid (2000; 2019), cuja proposta é a de uma construção teológica totalmente outra, que estabeleça um rompimento com todo o modelo comportado de se fazer teologia.

significativas para o debate sobre o lugar teológico, mas também social e político, de mulheres e de LGBTI+.¹⁰ Uma das estratégias dessas teologias, por exemplo, evidencia-se na crítica a uma leitura tradicional da teologia e da religião, propondo a reinterpretação de narrativas bíblicas, trazendo à tona o protagonismo de mulheres (e de outros grupos socialmente marginalizados) na construção histórica das religiões hegemônicas (ROSADO-NUNES, 2006; PLASKOW, 2005). Diante das questões colocadas por Butler, pergunta-se de que forma gênero é assumido nessas teologias e quais suas implicações.

Neste trabalho, especificamente, propõe-se a realização de um diálogo elucidando os possíveis desafios colocados pelas reflexões de Judith Butler às Teologias de Judith Plaskow e de Marcella Althaus-Reid. Para tanto, serão apresentados distanciamentos e aproximações gerais entre elas, a fim de identificar elementos fundamentais que postulam identidades de gênero mais ou menos estáticas nas análises das autoras aqui inferidas. Compreende-se que, na medida em que os papéis e identidades de gênero são entendidos como construídos e reconstruídos cotidianamente, nas relações, e que podem ser construídos de outra forma, inclusive para além de categorias binárias de mulher-homem (BUTLER, 2018), as diferentes correntes da Teologia Feminista, assim como no âmbito dos estudos feministas e de gênero, exercem relação fundamental com esses campos.

3 DOS PROBLEMAS DE GÊNERO NA TEOLOGIA FEMINISTA

The coming of Lilith, de Judith Plaskow, é uma coleção de ensaios e pequenos escritos da autora durante sua jornada acadêmica e pessoal na construção de uma teologia feminista e, ainda, de um judaísmo feminista. Sua escrita instiga a apreciar as “comunidades identitárias” (PLASKOW, 2005, p. 18. Tradução própria), não apenas como espaços de segurança ou descanso, mas também onde é possível pensar novos modelos de feminismo. Este trabalho se insere e dialoga com um contexto mais amplo de uma Teologia Feminista em desenvolvimento desde a década de 1970, que

¹⁰ A título de ilustração e melhor contextualização, recomendo o artigo “Da ‘rebelião nas fronteiras’ à conquista do campo: a Teologia Feminista na Concilium, Revista Internacional de Teologia (1985-1996)”, de Maristela Moreira de Carvalho.

propõe criar outras perspectivas para a práxis histórica: a do corpo, sobretudo o corpo das mulheres, enquanto espaço epistêmico (GEBARA, 2017).

O que teólogas feministas, destacando Gebara e Plaskow, fazem são provocações a uma teologia tradicional, afirmando que esta exclui as mulheres enquanto sujeito de reflexão, de pensamento e de poder. Segundo Genebra (2017), essa provocação questiona uma estrutura que se baseou essencialmente no signo da culpa e na valorização dos homens em detrimento da estigmatização das mulheres, que, como já pontuava Beauvoir, são definidas como seres de segunda categoria.

De acordo com Plaskow, a Teologia Feminista não procura tomar para si o poder da dominação e inverter os papéis. Ao contrário, para ela, a Teologia Feminista deve ser um exercício constante de libertação em seu sentido mais amplo, quebrando os pressupostos categóricos produzidos à luz de uma polarização nociva que define tudo e exclui a maioria, que prioriza um grupo e condena os outros. Por isso o esforço das feministas se volta a construir uma teologia que dê voz às mulheres silenciadas e escondidas nas entrelinhas das interpretações masculinas acerca das tradições religiosas, conscientes de que o universo simbólico de uma religião é, talvez, o ponto central da vida de milhares de pessoas.

Na história da teologia ocidental, quem produziu as reflexões que configuraram as instituições foram, em sua grande maioria, homens (PLASKOW, 2005, p.40). Este é, segundo Judith Plaskow, um fato que tem sido central em muitas discussões no campo da teologia feminista:

Quem mais deveriam ser as/os teólogos? Quem mais esteve em posição de estudar, assimilar e refletir dentro de uma determinada tradição religiosa? E que diferença isso faz? A teologia dos homens é capaz de interpretar aspectos particulares da fé tanto de homens quanto de mulheres? (PLASKOW, 2005, p.40, tradução própria).

Plaskow demonstra que, como a maioria das teologias são produto de um tipo de experiência masculina específica, de determinado grupo intelectual e político, as vozes que ecoam dessas teologias são, evidentemente, deste grupo. O que essas teologias falam (ou deixam de falar) demonstra que o lugar da produção do conhecimento teológico é um espaço de poder, no qual se produzem significados a respeito de sexualidade, de gênero, de raça, entre tantos outros. Esse tipo de teologia

tradicional, legitimada pela dominação de uma elite masculina¹¹, resultou na redução da própria experiência religiosa, apagando de suas interpretações a possibilidade de incorporar as experiências das mulheres e de outros grupos silenciados no processo de formulação da tradição.

Mas, se o argumento de Butler estiver correto e não existirem categorias de gênero universais capazes de captar toda a experiência humana e que a todo tempo a criação categoricamente social é performada e reformada pelos indivíduos a sua própria maneira, dizer que uma teologia reflete a experiência dos homens é assumir que existe uma experiência dos homens e que ela pode ser definida. No entanto, da mesma forma que Butler, Plaskow afirma que não é possível definir de forma categórica uma experiência e assumi-la como universal. A autora explica que utiliza “experiência masculina” para se referir a uma forma de assimilação e aceitação de uma polarização sexual onde aquilo que é entendido como masculino e relativo aos homens domina e impera – polarização esta que dá contornos à religião, à filosofia, à economia e a todas as formas de conhecimento e organização social (PLASKOW, 2005, p.40 - 55).

Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2010) também utiliza o conceito de experiência masculina de modo mais geral, quando analisa a construção simbólica da superioridade masculina. Ele não está falando especificamente de gênero. Enquanto sociólogo, procura trabalhar as condições estruturais de pensamento que são compartilhadas nos mais diversos setores da sociedade e que estão enraizadas de tal forma que acabam determinando parâmetros para o que se entende por masculino e o feminino. Bourdieu pensa justamente sobre uma cultura e o desenvolvimento de uma ideia que censura modos de agir e pensar que não condigam com aquilo que ela permite. Portanto, a ideia de dominação masculina não se refere à experiência comum de todos os homens, mas a uma ideia de quem esses homens são e como agem ou deveriam agir.

¹¹ A formulação de Bourdieu é importante no processo de pensar a Teologia Feminista Judaica de Plaskow a medida que contribui com os argumentos de dominação masculina e demonstra as formas em que essa dominação é legitimada pelos diferentes campos sociais. Na religião, em específico, é possível refletir sobre o lugar teológico atribuído às mulheres, os espaços dos quais elas são excluídas ou silenciadas, seus motivos etc. Todas essas formulações apresentam-se em intersecções com as reflexões também de Plaskow, de maneira indireta.

Para Bourdieu, a dominação masculina acontece sobretudo através da violência simbólica, é interiorizada pelos indivíduos e naturalizada nas relações sociais. Em Plaskow, essa polarização, tanto na religião quanto na sociedade em geral, pretende definir para todos os homens e para todas as mulheres suas naturezas e seus respectivos lugares no mundo (PLASKOW, 2005, p. 40 – tradução própria).

O caráter normativo da masculinidade foi aceito por Thomas de Aquino quando ele define que “a mulher é como um macho incompleto” e também por Freud quando descreve a sexualidade feminina em termos de “inveja de pênis” (...). Aparentemente, este pensamento também está vivo nos terapeutas de 1979 que quando tiveram que descrever “um adulto masculino saudável”, “um adulto feminino saudável” e um “adulto saudável” (sem especificação), suas descrições para adulto masculino saudável e adulto saudável (sem especificação) bateram, enquanto suas concepções de adulto feminino saudável e adulto saudável divergiram consideravelmente (PLASKOW, 2005, p. 41 – tradução própria).

Plaskow continua com incontáveis exemplos da dominação masculina nas diferentes esferas da vida social, mas seu foco está especificamente na teologia e em como ela se tornou legitimadora de opressão e silenciamento das mulheres e de suas experiências no campo religioso.

4 DOS ESTUDOS DE GÊNERO E TEORIA QUEER

Plaskow fala de um lugar específico da tradição judaica. Ainda que assuma não concordar que existam experiências universais moldadas por categorias sistemáticas que definem o que é ser homem e o que é ser mulher, a questão levantada por Butler acerca dos problemas de gênero não aparece de maneira tão forte em sua reflexão. Marcella Althaus-Reid, em uma teologia latino-americana que emerge à luz dos estudos queer, demonstra maior proximidade com essa perspectiva.

Althaus-Reid critica o essencialismo presente nas teologias de um modo geral, incluindo nas próprias teologias feministas, ao tocarem em questões referentes às experiências dos indivíduos e suas comunidades (ALTHAUS-REID, 2000). Para ela, esse discurso categoriza modelos universais de homem e mulher e atribui pressupostos sexuais percebidos, por exemplo, na normatização da heterossexualidade. Mesmo nos debates em que se assume identidades de gênero menos estáticas, mais *inclusivas* – no sentido de incluir quem estava, até então, à

margem, Althaus-Reid observa que há, nessas propostas, um limite. Isso porque a manutenção da heterossexualidade acontece na diferença. Logo, incluir quem não condiz com a norma, por exemplo, incluir homossexuais, não rompe necessariamente com a norma (SOARES, 2013, p.142). Dessa forma, há uma tensão constante entre a norma (o imperativo) e o marginal, o “subversivo”¹². Este último, por sua vez, só é reconhecido em momentos específicos, quando não representa uma ameaça efetiva ao funcionamento do sistema religioso mais geral¹³.

Assim, Althaus-Reid critica interpretações tradicionais de gênero e sexualidade e postula que gênero seria, na verdade, mais do que uma construção social prontamente imposta: são também elementos dinâmicos, reconstruídos a todo momento. Na mesma linha do que afirma Butler, para ela gênero e sexualidade são fatores estruturantes e estruturados nas relações sociais gerais, legitimados, entre outros, também no discurso religioso e nas práticas religiosas. A proposta de Althaus-Reid é, então, desconstruir conteúdos, imagens, símbolos, culpas, ordens contraditórias. Trata-se de desnudar categorias sociais convencionais para construir um contra discurso que desvele os pressupostos sexuais das tradições. Não se trata efetivamente de trazer as margens ao centro, mas de “demonstrar o caráter construído do centro – e também das margens!” (LOURO, 2002, p. 2).

Althaus-Reid propõe que a Teologia Feminista assuma de fato um rompimento com a ordem, segundo ela, “bem-comportada” de pensar teologia. Para Althaus-Reid, há uma necessidade de se “tirar as roupas” para fazer teologia, desconstruir a visão romântica das mulheres como mães, reprodutoras, cuidadoras e trabalhadoras, heterossexuais, passivas no desejo e nas relações sexuais, assimiladas ao útero e à docilidade. Isto porque, para Marcella Althaus-Reid, Deus fala através da experiência real dos corpos humanos, não na idealização destes corpos; isto é, em seu

¹²O “subversivo” é uma categoria utilizada por Althaus-Reid (2000) para definir a tensão entre a “norma” e o que não se encaixa nela; isto é, a realidade desnuda. Segundo a autora, a subversão de um sistema religioso reside em um processo de desnudar-se, de deixar que a vida seja como ela de fato é: erótica, anormal.

¹³Essa concepção se aproxima também de Butler, quando a autora sugere que todo e qualquer tipo de subversão só é possível a partir da norma. Essa norma é produzida e legitimada a partir do anormal; isto é, a produção de corpos viáveis ocorre ao mesmo tempo que a produção de corpos abjetos. Consequentemente, suas existências se relacionam à sua exclusão a partir de uma matriz de inteligibilidade.

aprisionamento em prol de um tipo ideal. Segundo ela, “o escândalo teológico é que os corpos falam, e Deus fala através deles” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 34).

Dessa forma, não se trata mais de apenas assumir na teologia a diversidade, de aderir a categorias menos estáticas para incluir quem até então não estava incluído ou incluída - como mulheres, homossexuais, pessoas trans, travestis e LGBTI+ de um modo geral, mas sim de fazer teologia a partir da e para a própria diversidade (ALTHAUS-REID, 2019). É nos espaços de transgressão, de subversão à ordem, de questionamento ao *status quo* que, de fato, surge a possibilidade, segundo Althaus-Reid, de pensar um novo caminho, totalmente outro, para uma teologia que liberta. Este caminho aponta para a possibilidade de construir não apenas gênero, mas também a própria teologia de uma nova forma, com identidades menos estáticas e mais dinâmicas, que enunciem a diversidade própria da experiência humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inventariar parte da complexidade teórica dos estudos de gênero na filosofia e na teologia feminista, bem como suas implicações num entendimento de identidades de gênero mais amplo e fluído é sempre um desafio. Se Simone de Beauvoir, como visto, apontava que o que se entende como mulher é um constructo social produto da história material da humanidade, para Butler, mais do que um constructo, trata-se também de uma performance e discurso.

As performances e discursos de gênero são aprendidas desde os primeiros momentos de sociabilização que molda formas de ser mulher e de ser homem, censurando e repreendendo atos performativos à margem da estrutura heteronormativa. Segundo Butler, a estrutura de dominação acaba por ser nociva de maneira direta ou indiretamente para todas as pessoas, porque transforma corpos em identidades e papéis de gênero, e, ao fazê-lo, reduz as pessoas e suas experiências a essas identidades e papéis predefinidos e rígidos. Qualquer expressão que fuja dessa classificação é repreendida e censurada.

Tais questões também aparecem nas reflexões das Teólogas Feministas aqui apresentadas, especialmente em Plaskow, no sentido de reconhecer que em espaços que produzem significados sobre formas de ser e agir no mundo ocorrem formas de

legitimação dessa dominação. Plaskow entende que a religião, enquanto um espaço onde o poder se organiza e é exercido, também é fundamental na consolidação das identidades de gênero, particularmente naquelas reconhecidas como válidas. Neste sentido, elabora discussões à luz de uma hermenêutica outra – a do corpo material, que aprende e relaciona-se na continuidade com o outro e a outra. Suas contribuições são fundamentais para apontar novas possibilidades, na medida em que discutem a inclusão de hermenêuticas que partam do ponto de vista das mulheres e outros grupos excluídos.

No entanto, também é possível identificar limites nessas abordagens quando se problematiza as questões de gênero. Como aponta Butler, a discussão de gênero e a inclusão dessa categoria na reflexão sobre identidades não necessariamente rompe com a normatividade da heterossexualidade ou, ainda, com o binarismo de gênero. As questões colocadas por Butler ajudam a estabelecer um elemento crítico no interior das próprias discussões sobre gênero, inclusive para as teologias feministas como é o caso de Plaskow.

É em Marcella Althaus-Reid que a questão da desconstrução apontada por Butler, inclusive a crítica ao binarismo, aparece de maneira mais direta. Althaus-Reid propõe um rompimento com a ordem “bem-comportada” de se fazer teologia, apontando para uma teologia não apenas inclusiva, mas, principalmente, que emerge de e por quem que não se encaixa na norma. Como para Althaus-Reid a norma é uma farsa, então a Teologia Queer – que é o nome que recebe esse modo de interpretação - seria uma teologia fundamentalmente real, do corpo – e, por isso, sagrada. O nome que ela dá para essa proposta no contexto latino-americano é uma *teologia indecente*.

A proposta de Marcella Althaus-Reid pensa gênero e sexualidade como âmbitos separados, mas que se relacionam profundamente; parte complexa e ambígua da experiência humana, jamais homogênea, mas fundamentalmente contraditória, e que, portanto, não deve ser censurada. Neste sentido, o caminho que a teologia de Althaus-Reid propõe reconhece, assim como em Butler, que a forma como os indivíduos vivem e experimentam gênero é variável e transgressora, porque o que se tem como ideal de gênero, uma identidade universal, em essência, não existe como expressão da realidade concreta das pessoas. Assim, o caminho da teóloga é adentrar os espaços

de transgressão, de subversão à ordem, fazendo emergir possibilidades de desnaturalizar a concepção de que categorias de gênero são estáveis e fechadas.

A apresentação do pensamento das autoras aqui evidenciadas não pretende esgotar a discussão sobre a relação entre as teorias feministas, de gênero e queer e as reflexões teológicas que dialogam com esses campos. O próprio diálogo estabelecido entre elas revela como essas interrelações vão se dando na própria produção do conhecimento feminista nas mais diversas áreas e as possibilidades que emergem desse diálogo. Também os campos da teologia e da religião são atravessados por essas questões e é fundamental que elas sejam incluídas nas reflexões sobre o papel e o lugar da religião na vida das pessoas e nas construções econômicas, políticas e culturais das quais ela, por um lado, se alimenta e, por outro lado, ajuda a configurar e reproduzir.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**. Theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.

ALTHAUS-REID, Marcella. **Deus Queer**. Metanoia. 1. ed. Rio de Janeiro, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Atos performativos e a formação dos gêneros**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Trad.: Jamile Pinheiro Dias. Edição Chão da Feira (online), caderno de leituras nº 78, 2018. Disponível em: <chaodafeira.com>

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CARVALHO, Maristela Moreira de. **Da “rebelião nas fronteiras” à conquista do campo**: a Teologia Feminista na Concilium, Revista Internacional de Teologia (1985-1996). Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História – Florianópolis: 2008. 344f.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, Identidade E Gênero em Judith Butler**: Apontamentos a partir de “Problemas de Gênero”. Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060 DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819

GEBARA, Ivone. **Mulheres, Religião e Poder**: ensaios feministas. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017. 214p.

HIGUET, Etienne Alfred. ALTHAUS-REID, Marcella. **Indecent Theology**: Theological Perversions in Sex, Gender and Politics. London/New York: Routledge, 2000. Correlatio, v. 2, n. 3, p. 176-182.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade**: Refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. Labrys: estudos feministas. Brasília, vol.1, n.1/2, jul-dez 2002. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys1_2/guacira1.html> acesso em 26 de maio de 2020.

MAGNO, Geraldo de Aquino. **Noções de sujeito e poder em leituras foucaultianas e sua influência nos estudos de organizações e gestão de pessoas**. Cad. EBAPE.BR, v. 17, nº 3, Rio de Janeiro, jul./Set. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v17n3/1679-3951-cebape-17-03-448.pdf>> acesso em 12 de maio de 2020

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo**. Rev. Estudos Feministas. Universidade Estadual de Londrina, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005 p.483 – 505. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a02v13n3.pdf>> acesso em 12 de maio de 2020.

MIRANDA, Olinson Coutinho & GARCIA, Paulo César. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. III EBE CULT – Encontro Baiano de Estudos em Cultura, abril, 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp->

content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf> acesso em 12 de maio de 2020.

MONTEZELO, Giovanna Gabriela, **1988 – Identidade de gênero e sexualidade**: uma análise das revistas Nova e Playboy. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Uberlândia, 2013. 116f.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**. Revista Tempo e Presença. Gênero: da Desigualdade À Emancipação? Ano 3 - Nº 8, abril de 2008. Disponível em:

<http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo#_ftn11> acesso em 11 de maio de 2020.

PLASKOW, Judith. **The coming of Lilith**: essays on feminism, Judaism and sexual ethics, 1972/2003. Boston, Massachusetts: Beacon Press books, 2005. 244 p.

REIS, T., Org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/ Gay Latino, 2018)

ROSADO-NUNES, Maria José. **Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal**: entrevista com Ivone Gebara. Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006.

SMART, Ninian. **Secular Education and the Logic of Religion**. New York: Humanities Press, 1968.

SOARES, Rosângela. **Fica Comigo Gay – o que um programa de TV ensina sobre sexualidade juvenil?** In.: Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação/ Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (orgs.). 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.